



Transição Capilar: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências¹

Paula Camilla Soares SILVA²

Ângela Márcia da Silva BRAGA³

Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte, Montes Claros, MG

*Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
(Cabelo, Jorge Ben Jor/ Arnaldo Antunes)*

Resumo

Em várias partes do mundo o estilo de cabelo como o afro sofre com a não aceitação. Para muitos, a saída é preservar a cultura do liso, por fazer parte de um modelo que aprendemos a valorizar desde a primeira infância. No entanto, alguns movimentos, bem como a evolução histórica, contribuíram para o processo interracial fundamentalmente novo, a transição capilar, entendendo o cabelo do indivíduo como parte integrante da sua identidade, bem como instrumento de empoderamento político e libertador.

Palavras-chave

Transição capilar; identidade; libertação; movimentos negros; processo.

INTRODUÇÃO

A colonização europeia sobretudo nas Américas, colaborou ao longo da história para consolidar um padrão estético de beleza nas mais diversas culturas existentes. O ideal era o de pessoas caucasianas, apresentando cabelos lisos, olhos claros e nariz afilado.

Durante o regime escravocrata, os negros executavam trabalhos forçados nos campos, na extração de minério e na casa-grande. As formas de violência, além do tronco

¹Trabalho submetido ao XXII Intercom Júnior 2015, na Categoria IJ08 Estudos Interdisciplinares da Comunicação

² Estudante do 5º Semestre do Curso Jornalismo, e-mail: paulacamilla@live.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: marcia7braga@yahoo.com.br



e o açoite, incluía a raspagem de cabelo, que para alguns grupos significavam o símbolo de sua construção identitária. O ato representava assim, uma quebra da dignidade. Desse modo, o cabelo e a cor da pele, viriam retratar um significado muito maior do que o próprio indivíduo. Para Nilma Lino Gomes, vivemos numa democracia racial, que na verdade encobre os conflitos entre raças, acentuadas nos traços como o estilo do cabelo e o que se faz dele é uma tentativa de camuflar a própria identidade étnico/racial na identidade negra. “Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida”. (GOMES, 2002, p. 8).

ASPECTOS GERAIS SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL

Para Stuart Hall, a identidade cultural está em crise. Para este autor, o movimento de descentramento de pós-modernidade, ou seja, o conjunto das representações absolutas, constituem o produto das culturas em todo o mundo (2006). Para ele, o indivíduo não é tão somente unívoco, mas sim constituído das culturas de um todo, internalizando-as, para que possa traduzí-las e, conseqüentemente, adaptá-las para a sua realidade. Ainda, que esse colapso é um fator determinante da mudança que ocorre dentro das instituições e estrutura da sociedade e os fatores determinantes para o processo de globalização.

Reconhecer-se como sujeito nacional é questão de discurso do imaginário, trata-se de “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50). Assim, dizer que somos de um determinado lugar ou pertencemos a um dado grupo, é parte da natureza. Para Hall, a identidade da cultura nacional é colocada entre passado e futuro de modo que possa sucumbir o que se está vivendo por tempos passados:

Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2006, p. 50)

OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO PROCESSO DE RECONHECIMENTO



O mundo pós-moderno trouxe várias diversidades em âmbito global. A identidade negra se reafirma através dos movimentos sociais negros, com o objetivo de solidificar esse orgulho repleto de significados, é a autoafirmação das africanidades e todas suas ressonâncias. Na década de 1960, a luta pelos direitos civis americanos se afluava trazendo a luz da resistência negra e sua força ao mesmo tempo que revelava os horrores da segregação racial. O movimento *Black Power*, respeitando a estrutura da fibra capilar junto com o uso do seu pente garfo, tinha como característica o uso dos cabelos sem qualquer tipo de tratamento químico para alisar, porque esta prática era também política, entendida como uma maneira de herança colonial da Europa. Assim, surgem slogans como “*Black is beautiful*”, “*negro é lindo*”.

Negar outros tipos de beleza que não outra senão a branca, determina que os cabelos lisos são o referencial do máximo exigido padrão de beleza impondo que esta é a alternativa única existente ou plausível. Como contraproposta, podemos citar dois movimentos de ativismo social que correspondem, respectivamente, ao Movimento Negro e ao Movimento Feminista:

“O primeiro negando o eurocentrismo como unico parâmetro do conhecimento e promovendo um retorno à Africa tanto na tentativa de fortalecimento identitário-cultural quanto político. O segundo questionando o lugar da mulher na sociedade e a crescente coisificação do corpo feminino, utilizado como objeto de consumo masculino e desprovido de consciência própria”. (MALAQUIAS, 2004, p. 39).

Angela Davis, uma ativista ligada ao coletivo dos Panteras Negras dos EUA e militante do Movimento *Black Power*, é um dos maiores expoentes dos anos 1960 e tudo o que nele se configura. Sem dúvidas, o contexto histórico do mundo, trazendo a tona a movimentos de libertação nacional tais como o “Revolução Cubana (1959), (...) Revolução Cultural na China (1965) (...), Maio de 1968 em Paris. Em especial nos interessam a Guerra do Vietnã e o Movimento dos Direitos Civis” (BARRETO, 2005, p. 63) e a própria história de Angela, nascida no Alabama, sul do EUA, num período de marcante segregação racial e das “*Leis Jim Crow*” (leis que impediam os negros de votarem nos Estados Unidos do Sul).

A cidade onde nasceu ficou associada ao bombardeio, promovido pela Klu Klux Klan, que destruiu uma Igreja Batista em 15 de setembro de 1963. Em consequência desse ataque, Carole, Cyntia, Adie e Denise, com idades entre 11 e 14 anos, morreram queimadas e mais 20 pessoas. O caso foi considerado um dos crimes mais chocantes da história dos Estados Unidos. A igreja era um ponto de encontro de militantes pró-direitos civis. Mais do que um fato isolado, o ocorrido



em Birmingham revela o ambiente que reinava no lugar onde, como descreveu o escritor William Falkner, “o passado nunca morre”.

Angela tem seus contatos com os ideais revolucionários dentro de escolas segregacionistas de professores considerados reacionários e participa juntamente com sua mãe dos movimentos, com apenas 15 anos de idade. (BARRETO, 2005) Depois de concluir o seu doutorado em Los Angeles orientada por Hebert Marcuse, próxima do PC e do Partido dos Panteras Negras, em 1968, decide se filiar ao Partido Comunista Americano (CPUSA), participando como integrante do Coletivo Che-Lumumba.

Em 1970, o envolvimento de Angela com George Jackson, um afro-americano preso com mais dois militantes, figuravam uma espécie de comitê. Durante a audiência no Tribunal, o irmão mais novo de Jackson, Jonanthan Jackson, realiza uma ação para sequestrar os jurados, juiz e o promotor do caso. Ao sequestrá-los e levá-los para uma caminhonete, um guarda presenciou a ação e começou a atirar. Ao final do tiroteio, Jonanthan, o juiz, dois presos acabaram mortos e os demais manifestantes feridos. Ao final de tudo, Angela acabou sendo acusada porque a arma utilizada estava registrada no seu nome. Ela permaneceu na clandestinidade por um tempo, sendo considerada a “mulher mais perigosa” dentre a lista dos procurados pelo FBI, naquele ano de 1970. Foi mesmo no cárcere, que a ativista teve o seu desenvolvimento consciente de produção de artigos e ainda mais amadurecer político. Foi, por meio dele, que os seus atuais movimentos de luta contra o sistema carcerário se designa. Em todo mundo, lançaram a campanha “*Free Angela Davis*”, para sua libertação. Até mesmo cantoras que não eram favoráveis de Angela, como a *soul music* Aretha Franklin, lutou pela libertação de Angela pelo fato de ser uma pessoa negra. (BARRETO, 2005).

No Brasil, sua aparição acontece por meio de intervenção da tv. Em 1972, Maria das Graças consegue a proeza de ser a primeira jornalista negra da Rede Globo de Televisão, após ser aprovada no teste para apresentar o Jornal da Tarde da capital mineira:

Contudo, a efetivação da apresentadora foi condicionada à imposição de um nome: Ana Davis, como uma referência direta a Angela Davis, naquela época já bastante conhecida pelos brasileiros, em grande medida, como consequência da cobertura que a imprensa internacional deu a sua prisão, julgamento e absolvição. Maria das Graças, além das semelhanças físicas com Angela Davis, possuía também o cabelo afro, tão em voga na época como símbolo da consciência racial. Anna Davis era envolvida com os círculos culturais da cidade e escrevia para um suplemento literário local. O convite para fazer a seleção partiu de uma produtora da emissora que buscava uma mulher com um estilo novo. Posteriormente, Anna passou a apresentar o Jornal Nacional com cobertura para todo o país.



(Informações obtidas em entrevista realizada com a jornalista no dia 17 de agosto de 20004). (BARRETO, 2005, p. 61).

A IMPORTÂNCIA DE SE CONSTRUIR REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA MÍDIA E SEU CONTEXTO BRASILEIRO

Se, com toda a discussão proponho discutir o que desencadeou na construção histórica as representações e análises que temos a respeito do cabelo afro, bem como sua cor, não se pode passar despercebida a contribuição midiática envolvida nesse projeto. Segundo Néstor Garcia Canclini, a respeito dos consumidores e cidadãos do mundo, a transacionalização, possibilita que os bens tomados como culturais diminuam os nossos valores a respeito da identidade, em detrimento da comercialização: “grande parte do que se produz e se vê nos países periféricos é projetada e decidida nas galerias de arte e nas cadeias de televisão, nas editorias e nas agências de notícias dos Estados Unidos e da Europa” (CANCLINI, 1999, p.165).

No Brasil, os movimentos norte-americanos iniciados reverberaram na década seguinte em meio a ditadura militar, onde o povo brasileiro está começando a buscar sua cidadania. No ano de 1978, o jovem Robson da Luz, foi preso inocentemente, e em seguida, torturado até a morte por policiais em um Distrito Policial. “Nascia o Movimento Negro Unificado, entidade que num curto período de tempo atingiu, após esse ato, nível nacional, com representantes em todo país” (MALAQUIAS, 2004, p.40).

A partir da música negra norte americana, embaladas pelo consolidado ritmo do *blues* e *jazz* de 1920, e mais tarde o *soul* e o *gospel* fomentam a participação contra os movimentos de segregação racial e vão mobilizar a reafirmação do sujeito enquanto negro e cidadão (LAIER; AZEVEDO, 2013). Essas influências podem ser vistas claramente na apropriação dessa cultura e ideologia norte americana em compositores brasileiros, como Toni Tornado, que em 1965 tornou-se imigrante clandestino dentro dos Estados Unidos e conheceu próximo aos Panteras Negras a fúria do racismo institucionalizado daquele país. Wilson Simonal, filho de doméstica, que dentro da casa dos patrões aprendeu inglês com cantores da *soul music* americana (NACKED, 2012) e se apropriou dessa identificação para fazer sucesso. E, ainda, Jorge Ben Jor, cantor de um estilo peculiar, o *samba rock*, que constroi diferentemente de outros artistas, um novo imaginário de homens e mulheres, sobretudo da mulher negra.



Suas musas são belas e dignas, se distanciando do estereótipo hipersexualizado da mulher negra, muito presente no imaginário do período, como ocorre na maioria das representações da mulata. Tais representações sobre mulatas aparecem em diversas canções desde o século XIX e ainda circulavam nas décadas de 1960 e 1970. (REIS, 2014, p. 2).

Mulheres contestadoras e que marcaram época na música popular brasileira, tal como Elis Regina, que se apresentou no Festival Internacional da Canção de 1971, ao som de “*Black is beautiful*”, composição de Paulo Sérgio e Marcos Valle. Apresentação que acarretou a prisão de Toni Tornado, ao se levantar no final da música, abraçar a cantora e fazer o símbolo do Movimento dos Panteras Negras (REIS, 2014):

“Hoje cedo, na Rua Do Ouvidor
Quantos brancos horríveis eu vi
Eu quero um homem de cor
Um deus negro do Congo ou daqui
Que se integre no meu sangue europeu
Black is beautiful, black is beautiful
Black beauty so peaceful
I wanna a black I wanna a beautiful
Hoje a noite amante negro eu vou
Vou enfeitar o meu corpo no seu
Eu quero este homem de cor
Um deus negro do congo ou daqui
Que se integre no meu sangue europeu
Black is beautiful, black is beautiful
Black beauty so peaceful
I wanna a black I wanna a Beautiful”

TRATAMENTOS ESTÉTICOS

Com tudo o que foi visto até aqui, podemos concluir que o processo histórico marcado pelas lutas e movimentos sociais negros, contribuíram para a afirmação da identidade e reverbera cotidianamente através da importância da representatividade, autoestima e conhecimento.

Sabemos, no entanto, que os padrões normativos brancos do capital, é submisso a uma indústria mercadológica que lucra no seu trabalho de tentar sucumbir essa identidade negra por meio de tratamentos químicos para alisar o cabelo. Segundo Abraham *et al* (2009), no Brasil, existem diversos tratamentos de alisamento legalizados, usando como base hidróxidos de sódio e lítio, hidróxido de guanidina e tioglicolato de amônio. Outros, como o uso indiscriminado de formaldeído (formol) implicam em bem-estar da saúde.



TRANSIÇÃO CAPILAR, ACEITAÇÃO E EMPODERAMENTO

Para melhor traduzir o processo de transição capilar – processo vivenciado por pessoas que resolvem tirar toda a química existente no cabelo, devido aos tratamentos químicos de alisamento, influenciados pela busca de sua identidade e até mesmo por saúde capilar e emocional – foram feitas entrevistas com mulheres, o público de maior constância dessa atitude, membros do grupo “ Transição Capilar – O seu diário”, contando com 14.242 integrantes de todas as partes do Brasil na rede social *Facebook*. Trata-se de um grupo de pessoas que se voluntariam a dar dicas umas às outras sobre como tratar os fios, quais os procedimentos adotados e suas experiências durante a transição capilar.

A entrevista partiu da elaboração de perguntas estruturadas e dividiu-se em três eixos temáticos: início (para computar as questões que tratam da infância e cabelo), transição (como foi ou está sendo o processo) e política e movimentos (computar respostas sobre a importância da representatividade negra). A entrevista constitui um caráter heterogêneo, uma vez que as entrevistadas possuem diferenças de idade e são de regiões diversas.

Uma das entrevistadas passa a identidade dos cabelos cacheados para toda a família:

Minha mãe não sabia como lidar com meu cabelo, uma vez que na minha casa só eu tenho cabelos cacheados, sofri muito. Pois não sabia como cuidar e na época não tinha condições financeiras pra nada. Não gostava do meu cabelo de maneira alguma, fazia vários alisamentos e sofri muito preconceito de tudo que era lado. Eu fiz muita progressiva porque na minha casa só eu tinha cabelo crespo, até minha mãe incentivava a usar liso por ser mais prático. Cansei de ficar fazendo progressiva, meus cabelos ficaram feio quebradiços e gastava horrores no salão.

De tanto alisar escovar e pranchar me cansei dessa vida, fazer escova no calor era um sacrifício que pra mim estava sendo muito difícil. Estou em transição a um ano e cinco meses. A dificuldade era sair de casa com meus cabelos sem escovar, liso nas pontas e cacheados na raiz. A minha alegria foi quando surgiu o primeiro cacho depois de todos esses anos usando ele liso. Minha infância e adolescência foi sempre utilizando algum tipo de relaxamento, até surgir as progressivas a salvação pra mim. A melhor alegria de todas é que através da minha transição meus filhos resolveram assumir seus cachos, nos tornamos a família dos cacheados adoroooo.

[Sobre danos drásticos causados pela química]. Sim com tantos relaxamentos ao longo dos anos, houve uma época que quase fiquei careca devido a inúmeras químicas que tinha meus cabelos. Na verdade procuro hidratar todo final de semana, e faço muita umectação. Porque melhora muita aparência dos cachos. Uso shampoo só uma vez na semana, porque acho que resseca muito meu cabelo



mesmo utilizando shampoo sem sal. Não fiz Big chop (grande corte dos cabelos, deixando em um tamanho muito curto para que se retire toda a parte existente de química), preferi ir cortando ao longo dos meses as pontas lisas e acho que pra mim foi ótimo pois agora estou bem satisfeita com a aparência dos meus cabelos. Preferi passar essa parte crítica com escova, pois ficou feio demais até consegui meu objetivo. [Sobre os tratamentos utilizados durante o processo] Muita fitagem, e umectação. Hoje me sinto bem comigo mesma, e olho no espelho e amo cada dia mais meus cachos. Estou persistindo em deixar eles cacheados porque hoje me sinto livre das químicas, posso sair na chuva e não ter medo de molhar meus cabelos e ficarem feio. Posso ir a praia e molhar os cabelos coisa que não poderia jamais fazer.

[Sobre considerar importante o cabelo como parte da identidade] Sim importantíssimo, na verdade fundamental. Gosto de todas blogueiras que passaram pela transição, Lu Carrilho, Amanda etc. Porque na verdade elas passaram pela mesma situação que passei, e foram corajosas e persistentes. E lógico atingiram seu objetivo que é o mais importante.

Participo de várias comunidades de cabelos crespos, em transição e pra mim foram esses grupos que me passou segurança e foram importantes na minha transição. [Sobre ser importante que as marcas nos representem com cacheadas e a linha correta] Sim, importante porque incentiva cada dia mais a continuar nossa trajetória. [Sobre considerar importante a afirmação de quem é cacheado, crespo e ou negro na mídia] Não acho importante, acho que todos somos iguais crespo, cacheados enfim.... Acredito que na transição todas dicas e vídeos são bem-vindos, mas alguns cabe a cada pessoa selecionar o que é perigoso ou não pra si. (Lenice Meireles da Costa, 46 anos, bancária, Osasco, SP).

Uma das entrevistadas ainda é menor, mas demonstrou muita maturidade durante seu processo de transição:

Sempre vivia de tranças e rabo de cavalo muito apertado , quando o evento era importante minha mae fazia cachinhos a dedo com bastante gel e tentei apenas 2 vezes escova e ficava bastante volumoso. Quando fui aprendendo a pentear eu molhava bastante com creme para desembaraçar e prendia e como estudava de manhã ficava sempre resfriada por isso alisei .

Fiquei 6 anos usando alisantes sempre caros e fazia chapinha toda semana em casa. Chegou uma hora que meu cabelo começou a cair bastante e resolvi esperar que parasse pra voltar a alisar , fiquei cerca de 7 meses sem alisar e percebi que cacheado podia ser bonito. Então 4 meses depois resolvi fazer o bc , por ter resolvido deixar cachear quando já tinha um tempo sem alisante e não ter tido a paciência de esperar crescer minha transição foi bastante tranquila. Já tentei fazer o cronograma capilar porém não tive paciência então quando posso hidrato e faço humificação. Shampoo pessoalmente acho que é mais pra limpeza então não sou muito qualificativa. Meu bc também foi bastante tranquilo, fui em um salão e não tiveram de cortar pois tava apenas com 4 dedos de cabelos cacheados e o resto liso (meu cabelo ia até a bunda) então cortaram até os ombros, quando cheguei em casa comecei cortar umas pontinhas e quando fui ver tava quase careca . Não usei nenhum truque só prendia durante os 4 meses de transição . Me sinto livre e bem comigo mesma não ter que ficar tentando ser algo que não sou e aceitar o jeito que Deus me fez.



O cabelo e qualquer parte do ser humano é importante para identidade das pessoas e sociedade. [Sobre seguir blogueiras] Não , admiro bastante a Ray [Rayza Nicácio] pelo o que ela é, mas não sou de seguir fielmente nenhuma . Creio que não exista realmente uma verdadeira marca que represente, se eu pudesse usaria apenas produtos naturais como água e bicarbonato para limpeza e óleos e verduras e frutas para hidratação e umectação . Hoje em dia a mídia retrata cachos como uma moda , pra muitas meninas são , mas pra mim não. Produtos e dicas vem de cada tipo de cabelo , então muita vezes o que serve pra uma pessoa não serve pra outra. E não existe um produto milagroso . (Laila Santos Oliveira, 17 anos, estudante, Rio das Ostras, RJ).

Uma das entrevistadas não consegue oportunidade de trabalho devido ao sistema de embelezamento exigido no mercado:

Enquanto era minha mãe que cuidava do meu cabelo era tudo sossegado, pois o trabalho era só dela (risos),ela fazia lindos penteados e eu sempre estava muito bem arrumada.

Enquanto era ela que cuidava eu não tinha do que reclamar,mas a partir do momento que se tornou minha responsabilidade a coisa mudou, eu não sabia como lidar, não tinha paciência e me sentia diferente das outras meninas de cabelos lindos e lisos, e sempre tem aquelas piadinhas desagradáveis e quando você é criança não tem opinião formada e não sabe como se defender e tudo te magoa. No meu caso foi não saber como cuidar e o trabalho que eu tinha sempre que ia me arrumar para ir á escola.a minha mãe vendo o meu sofrimento me levou ao salão onde fiz meu 1º relaxamento aos 11 anos, e continuei a usar químicas até os 24 anos.

Estou em transição há 1 ano e 10 meses, sempre achei lindo cabelo cacheado e crespo, mas achei que isso estava distante de minha realidade, mas ao assistir vídeos de meninas que passaram pela transição e conseguiram, resolvi me libertar das químicas, da escravidão, da falta de amor próprio e de gastos desnecessários. A dificuldade é a dupla textura, a raiz alta, a sociedade que quer impor suas regras e padrões e a alegria é ver que esse movimento de aceitação, transição está tomando conta de muitas divas, e também quando vejo meu próprio crespo se desenvolvendo e lindos cabelos nas ruas. [Sobre danos drásticos com químicas] sim sofri 2 cortes químicos,alopecia,quebra e queda. [Sobre tratamentos utilizados durante a transição] sigo a risca o cronograma, pois ele ajuda muito a desenvolver o cabelo, cuidar e facilitar a transição, deixa os fios fortes, saudáveis, com vida e brilho.

[Sobre usar shampoo e sua realção com ele] uso , sem maiores problemas, não acho que danifique, pois cuido muito do meu fuá. Optei por ir cortando aos poucos, pois tive alopecia e fiquei com 2 buracos (lisos, careca) aí estou esperando igualar,e para piorar fiz luzes e tive quebra total,aí se fizer o bc irá ficar muito estranho, e porque estou em busca de emprego e as empresas ainda tem preconceito.

[Truques e cuidados para passar pela transição] texturizações, fitagem, e ás vezes faço prancha, mas sempre cuidando muito. Apenas sigo o cronograma, e com produtos naturais. Me sinto realizada, apesar da transição, pois estou me



redescobrir e me amando mais, me aceitando. Melhora a minha aceitação, alto estima e descobrir como sou de verdade.

[Sobre discutir que o cabelo faz parte da identidade] sim, pois muitas não sabem o quanto são lindas, autênticas e empoderadas. Taís Araújo, Sheron Menezes, Negra Li, Ray Nicácio, Nanda Chaves, Joyce Carter, Dani Azevedo, Beyonce, Day Spiridon, e Lupita, todas elas sabem se impor, valorizam o que são e buscam seu lugar ao sol

[Sobre seguir blogueiras] sim grupo fãs da Ray, pois tem a troca de experiências, idéias, fotos e ajuda para as meninas. Tem que haver linhas que nos representem com meninas com o cabelo igual ou parecido com o nosso, só que sem químicas, pois muitos seguem e respeitam o que está em evidência, que está na mídia. Acho que cada uma deve saber o que é melhor para si, procurando pesquisar os prós e contras, pois nem tudo que dá certo para uma será bom para todas. (Ana Cláudia Santos, 25 anos, estuda Técnico em Logística, Guarulhos, SP).

A última entrevistada que mesmo confessando não se sentir bem, continua confiante para que conclua a sua transição:

[O cabelo na infância] Desde sempre muito difícil, na primeira infância com ele natural com volume e difícil de pentear vivia de tranças, como a minha mãe não sabia fazê-las tinha que ficar com as tranças desfazendo por dias até que minha tia pudesse refazê-las. Não gostava do cabelo que tinha, via as meninas cada dia com um penteado diferente e eu sempre com a “mesma cara”, sempre sofri preconceito era chamada de Medusa.

A minha mãe tinha o cabelo alisado, a maioria das negras adultas que conhecia e conviviam tinham também e um belo dia vi a possibilidade de poder sentir meu cabelo nas costas e não mais a toalha como fazia quando queria fingir ter cabelo “bom” era um produto verde fedido, e desde então meu cabelo nunca mais foi o mesmo digo nunca mais porque estou na 3 tentativa de transição, porque quando ele cresce fica bonito e tal, ainda por pressão por comodidade penso por que não dá um “susto” (quando você relaxa com um pouco de creme, só pra deixar o cabelo mais maleável).

Foi crucial um vídeo que vi na internet, antes de tomar a decisão usava aplique de cabelo cacheado que eu mesma aprendi a fazer para ganhar tempo e não perder dinheiro, então mas percebi que as pessoas elogiavam muito mas senti que elas elogiavam o cabelo de outra pessoa, não era o meu não era Eu!!!, como citei acima está durando 3 anos. Tive muita dificuldade em casa com meu esposo, que confesso não me apoiou e não apoia, apesar de ele ser negro tem pensamento muito diferente ele até quer me ver com o cabelo da Sheron Menezes, mas não tem paciência de esperar que isso aconteça, mas tiro de letra por que foi decisão difícil mas é impossível voltar atrás (Uma mente que se abre a uma nova ideia, jamais voltará ao seu tamanho original né?) [Dano drástico causado pela química] Sim, todas as vezes que utilizava, teve uma vez do meu cabelo ficar minando por dias, achei que ia morrer.

[Sobre seguir o cronograma capilar] Não a risca, mas bem próximo do que é proposto, inclusive quero registrar que pra mim a maior revolução não está só em usar ou não química, mas em aprendermos a cuidar dos nossos cabelos, lembro que o único cuidado que tinha era alisar de 15 em 15 dias hidratação nem sabia o que era isso. [Como é sua relação com o shampoo] É ótima estou usando um natural que ajuda no crescimento. Em todas minhas três tentativas fiz o big



chop logo de cara até porque a situação era periclitante. Agora que estou com esse problema estou usando coque, e a gelatina incolor no creme de pentear que cacheia bem. Tudo, tudo que falam que é bom e eu vejo que tem uma certa coerência, eu topo.

Estou péssima, quase ficando careca por causa da amamentação, mas bola pra frente recomeçando novamente. Eu brinco ainda nesta vida, por que nem sei se tem outra o meu cabelo vai ficar lindo, estou lutando por isso. [Sobre considerar importante que se discuta que nosso cabelo faz parte da identidade] Com certeza. [Sobre se sentir representada] Olha eu assisto muitos vídeos, muitas blogueiras mas há um problema nisso, muitas fizeram se de um ato somente uma forma de ganhar dinheiro perderam o foco. Agora marca muito difícil, não me iludo por que sei que as marcas estão somente cedendo a oferta por que a procura sempre foi enorme, mas agora está na mídia sabe que agora consumimos, eles dizem pare de usar frutas e verduras nos cabelos nos fabricamos produtos pra vocês.[Sobre participar de comunidade de fãs] Não.

Apesar do discurso acima, me sinto muito bem quando vejo uma negra cacheada, no comercial de creme por exemplo, fica bem próximo da minha realidade.[Considera importante a afirmação de quem é cacheado, crespo e ou negro na mídia?]Sim é importante por que a partir daí outras pessoas com uma cabelo, menos evoluída no assunto aceita mais fácil. Eu acho engraçado, um mesmo dizia para passar sabão em pó que tirava o alisamento, é preciso pesquisar muito antes de fazer qualquer procedimento por mais simples ou a transição vai pelo ralo e aí é começar tudo novamente. (Avanildes Oliveira da Conceição, 29 anos, Técnica em Administração, Hortolândia, SP).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, é preciso que fique claro que este trabalho pretende suscitar novas formas de pensamento diante dos nossos cabelos e da própria identidade. Sem condenar as escolhas de quem o prefere não fazê-lo e se submeter as químicas. Trata-se da oportunidade de uma alternativa diferente daquilo que se tencionou a se fazer obrigatório em nós.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Leonardo Spagnol *et al.* Tratamentos estéticos e cuidados dos cabelos: uma visão médica (parte 2) * Artigo original no idioma Português Brasileiro. v. 1. n. 4. Disponível em: <http://www.rspdermato.med.br/images/online/artigo_cuidadoscabelos.pdf>. Acessado em: 02 mai. 2015.

ALVES, Amanda P.; PELEGRINI, Sandra C. A. “**Black is beautiful**”: arte, identidade e política na obra musical de Tony Tornado (1970). *In.*: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, SP, 2008, p. 1-7. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Amanda%20Palomo%20Alves%20e%20Sandra%20Pelegriini.pdf>>. Acessado em: 08 mai. 2015.



BARRETO, Raquel de Andrade. PAMPLONA, Marco Antônio Villela. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça**: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro, 2005, 128 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/enegrecendo-o-feminismo.pdf> >. Acessado em: 03 mai. 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. São Paulo: USP, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAIER, Aline Cristina. AZEVEDO, Leonardo Francisco de. **A construção da ideia de identidade negra nacional**: o movimento “Black power” no Brasil. *In*: IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Fortaleza, CE, 2013, 22 p. Disponível em: <http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/23_trabalho_001555_13738_58301.pdf>. Acessado em: 06 mai. 2015.

MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo bom. Cabelo ruim**. Coleção Percepções da Diferença, v. 4, 2007.

NAKED, Rafaela Capelossa. Identidades em diáspora: O movimento black no Brasil. **Revista Desenredos**, Teresina, PI, ano IV, n. 12, jan./fev./mar. 2012. Disponível em: <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/12-artigo-Rafaela-BlackMusic.pdf> >. Acessado em: 07 mai. 2015.

REIS, Alexandre. **O “poder negro da beleza”**: A influência dos movimentos estadunidenses Black is Beautiful e Black Power na obra de Jorge Benjor. *In*.: Anais do XI Encontro Internacional da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas Niterói, Rio de Janeiro, RJ, 2014, 20 p. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Alexandre%20Reis.pdf>>. Acessado em: 05 mai. 2015.